



RELATO DE VIAJANTE
MARCAS DE UMA CAMINHADA:
O QUE FICA DE TUDO AQUILO QUE ESCAPA E O PASSO POSSÍVEL

Mariana Galender

Trabalho de Conclusão da Pós Graduação Latu Sensu
CAMINHADA COMO MÉTODO PARA ARTE E EDUCAÇÃO
TURMA I -2017/2018

RELATO DE VIAJANTE
MARCAS DE UMA CAMINHADA:
O QUE FICA DE TUDO AQUILO QUE ESCAPA E O PASSO POSSÍVEL

MARIANA MIFANO GALENDER

Idealização, Concepção e Coordenação da Pós-graduação:
Prof^a. Dr^a. *Honoris Causa* Edith Derdyk
Direção Geral D'A Casa Tombada:
Prof^a. Dr^a. Ângela Castelo Branco Teixeira e Prof. Dr. Giuliano Tierno de Siqueira

FACON
São Paulo
2018

À minha mãe MICHELE MIFANO e
ao meu pai GERALDO GALENDER,
faróis do meu caminho, que me ensinaram o que é o amor e a coragem desde os primeiros passos.

AGRADECIMENTOS

Ao núcleo duro: Michele, Geraldo e Fernando

Aos meus filhos: Miguel e Helena

À minha tia-interlocutora: Fany

A toda a minha família

Aos meus amigos queridos e aliados

À Edith Derdyk,

Angela Castelo Branco,

Giuliano Tierno,

Cibele Lucena,

Camila Boldrini,

e a todos os convidados que participaram do curso de Pós-graduação

À Casa Tombada e a toda a equipe preciosa: Flávia, Rita, Simone, Valdemir e Zezé

A todos os meus colegas cúmplices-caminhantes da turma de Pós-graduação:

Amanda, Angela, Claudia, Ed, Erika, Gabrielle, Juliana, Julli, Lea, Leticia,

Moyra, Natália, Silvia, Suzana e Tati

Aos meus colegas educadores do Museu da Casa Brasileira: Barmak, Beth, Cibele, Flávia,

Guilherme, Marcos, Selma, Suiá e André

A realização desta Pós-graduação só foi possível com o apoio da

A Casa Tombada, pela qual sinto profunda gratidão.

ÍNDICE

INÍCIO DE UM CAMINHO	PG. 06
PRIMEIRA PARADA: A AMPLIAÇÃO DO ENTENDIMENTO DE CAMINHADA	PG. 07
SEGUNDA PARADA: MENIRES-APRENDIZAGENS	PG. 09
TERCEIRA PARADA: É NA EXPERIÊNCIA DO CAMINHO QUE O TRABALHO ACONTECE	PG. 11
QUARTA PARADA: O TETO, O CHÃO E A TOPOGRAFIA DO LUGAR A PARTIR DA FOTOGRAFIA	PG. 20
QUINTA PARADA: 180° E O PROBLEMA DO ENTRE, O FRACASSO E A PERTINÊNCIA DO ESPAÇO	PG. 22
SEXTA PARADA: O QUE FICA DAQUILO QUE ESCAPA E O PASSO POSSÍVEL	PG. 23
FIM DE UM CAMINHO	PG. 24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	PG. 26

INÍCIO DE UM CAMINHO

Este texto pretende apresentar algumas **aprendizagens*** e resultados oriundos de proposições feitas na primeira edição do curso de Pós-graduação *A Caminhada como Método para a Arte e Educação*, de 2017 a 2018, com coordenação da artista Edith Derdyk, realizado pela FACON no polo Casa Tombada.

Trata-se de um relato de experiência, um convite a uma caminhada sobre marcas. Marcas ou **menires**, termo bastante utilizado nos encontros para significar os momentos e espaços de pausa e de pouso, em que o caminhante percebe no seu caminho um lugar de referência para si mesmo, de reconhecimento. Um lugar que sinaliza deslocamento, movimento, invenção de mundo e que, por ser significativo, passa a ser um ponto de localização do próprio caminho percorrido. O caminhante sabe voltar para aquele lugar porque ali algo novo foi apreendido e marcou o seu corpo.

Depois de um ano e meio de curso, com muitos estímulos a partir de falas de especialistas das mais diversas áreas do conhecimento e de experiências de caminhadas na cidade de São Paulo e na fazenda Serrinha, em Bragança, elegi seis pontos de parada (aprendizagens*) para o compartilhamento do meu percurso pessoal nessa travessia, sendo eles:

1. Primeira parada: a ampliação do entendimento de caminhada
2. Segunda parada: menires-aprendizagens
3. Terceira parada: é na experiência do caminho que o trabalho acontece
4. Quarta parada: o teto, o chão e a topografia do lugar a partir da fotografia
5. Quinta parada: 180° e o problema do entre, o fracasso e a pertinência do espaço
6. Sexta parada: o que fica daquilo que escapa e o passo possível

* O termo "aprendizagem" é aqui entendido não apenas como a tomada de conhecimento de um fato ou o registro de uma nova informação na memória, mas como transformação do sujeito. Ou seja, "aprendizagens" enquanto novas formas de perceber o mundo e ser no mundo. Nas palavras de Paulo Freire, em *Pedagogia da Autonomia*: "Aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura criadora".

PRIMEIRA PARADA:

A AMPLIAÇÃO DO ENTENDIMENTO DE CAMINHADA

A caminhada é caminho para invenção do mundo.

A caminhada é grávida de mundo.

Por isso a gravidade da caminhada.

A primeira aprendizagem que o curso de Pós-graduação proporcionou foi em relação ao alargamento do conceito de caminhada, sua gravidade. Gravidade no sentido de peso, de importância, de seriedade.

O conceito de caminhada transbordou o entendimento cotidiano da atividade descomprometida de andar de um lugar para outro, fazer "jogging" com garrafinha d'água e boné, e se instaurou como uma ação engajada, um meio, um método de construir conhecimento e inventar mundo. Inventar mundo pelo fato de possibilitar novas formas de percepção da realidade, novas formas de interpretação de tudo aquilo que nos cerca, novas formas de expressão e comunicação de subjetividades.

Caminhar, deslocar-se de um lugar para outro, percorrer um caminho diz respeito a uma movência: ação de andar com os pés, uma dimensão do deslocamento físico de um corpo que anda no espaço, ao mesmo tempo que incorpora também o sentido de um deslocamento intelectual - o caminho do pensamento.

Dessa forma, a caminhada está presente na leitura de um livro, na escuta da fala de um palestrante, no processo de ensino-aprendizagem de uma sala de aula. Nesses exemplos, não há um deslocamento físico de andar com os pés, mas há um movimento cognitivo, ligado ao percurso de uma experiência.

Aqui, podemos nos aproximar da palavra **experiência** como Jorge Larossa apresenta em seu texto *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*: a experiência como "o que nos acontece", a experiência como uma vivência de algo

que nos toca, nos afeta, nos transforma e não simplesmente passa ou atravessa sem deixar marcas.

No curso de pós-graduação foi recorrente nos voltarmos para a palavra experiência. Edith Derdyk trouxe para o grupo a importância de nos atentarmos para sua origem etimológica, que vem do latim (*experiri*). A palavra "experiência" é formada por três partes, que são: "ex" - fora, "peri" - perímetro, limite e "entia" - ação de conhecer, aprender. *Periri*, seu radical, apresenta-se também na palavra perigo. Pode ser traduzida como o ato de aprender ou conhecer além das fronteiras, dos limites, e guarda a dimensão de travessia e perigo. Esse movimento de sair de si mesmo ao encontro com o mundo e lançar-se ao desconhecido, afetando-se e correndo o risco inerente aos acontecimentos é, portanto, fundamental quando estamos nos referindo à experiência da caminhada. A caminhada é um movimento vivo e se dá no encontro do caminhante com o seu caminho.

Outro ponto fundamental foi o entendimento de que a metodologia da caminhada tem como cerne o corpo do caminhante. Sem corpo não tem caminhada. É a partir do corpo como campo sensível, convocado em toda a sua tecnologia, que o processo de construção de conhecimento pode ser desencadeado. "Corpo-vibrátil", segundo Suely Rolnik. "Corpo sensível aos efeitos dos encontros dos corpos e suas reações: atração e repulsa, afetos, simulação em matéria de expressão", como a autora apresenta em seu livro *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. (PG. 12)

O caminhante é aquele que realiza a ação de caminhar comprometido com a sua travessia, é sujeito presente, é aquele que se desloca e confia no próprio corpo como suporte sensível da experiência. Nesse deslocamento sabe que interfere na paisagem e é por ela transformado.

Nas palavras de Francesco Careri, no seu livro *Walkscapes*: "O caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados. A presença física do homem num espaço não mapeado - o

variar das percepções que daí ele recebe ao atravessá-lo - é uma forma de transformação da paisagem, que embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço e, conseqüentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar. O caminhar produz lugares". (CARERI, PG. 51)

Não se trata, portanto, de um caminhar ordinário pelos percursos habituais cotidianos. O caminhante sabe que na sua caminhada existe um mundo que está sendo gestado e transformado, ciente de sua responsabilidade em relação a essa criação. Sabe dos riscos, das incertezas e das dificuldades que estão presentes nessa travessia. Assume uma postura ética no enfrentamento do ato de caminhar pois o entende como um método de produzir conhecimento e contribuir com a humanidade na invenção de novas subjetividades.

SEGUNDA PARADA:

MENIRES-APRENDIZAGENS

Uma segunda aprendizagem significativa no decorrer do curso de Pós-graduação foi em relação ao conceito de **menir**, apresentado no livro citado anteriormente *Walkscapes - o caminhar como prática poética*, de Francesco Careri, e seu uso no sentido de marca e localização territorial. Do bretão, *Menhir*. A palavra significa *Men* = pedra e *Hir* = longa/comprida. Menires são monumentos megalíticos, pré-históricos, feitos de pedra e fincados verticalmente no solo.

Segundo este autor, "é bastante provável que os menires funcionassem como um sistema de orientação territorial, facilmente inteligível para quem conhecia a sua linguagem: uma espécie de guia esculpido na paisagem que conduzia o viajante ao seu destino, orientando-o de um sinal a outro ao longo das rotas intercontinentais". (CARERI, PG. 54)

No contexto do curso de Pós-graduação, utilizou-se essa palavra para designar os momentos significativos da **experiência** do caminho percorrido em que algo foi

descoberto ou "agarrado". Momento em que há criação e invenção de algo novo: pensamento, ideias, materialidades etc.

Dessa forma, os menires também podem ser entendidos como marcos de aprendizagens, marcos de experiências mobilizadoras, marcos de processos de mudança na forma do sujeito apreender e significar o mundo que o cerca.

Para a elaboração deste texto foram escolhidos seis menires da travessia com o intuito de reconstituir o caminho de aprendizagens vivenciadas no curso de Pós-graduação. Conhecer o conceito de menir foi fundamental para a construção deste relato de experiência, autorizou que a arquitetura do texto pudesse ter como estrutura as marcas da caminhada.

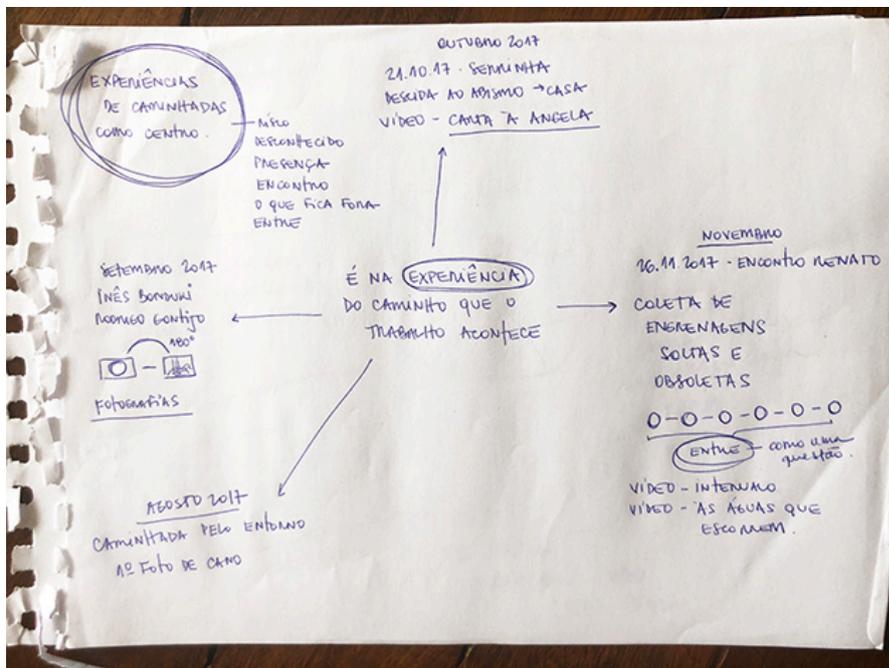
A ideia da **cartografia**, como uma forma de construir um mapa, um desenho dessas marcas para indicar o caminho percorrido, também foi muito importante como ferramenta de trabalho. Cartografar menires passou a ser uma forma possível de contar sobre os movimentos da experiências.

"A cartografia - diferente do mapa: representação de um todo estático - é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem", segundo Suely Rolnik no livro *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. (ROLNIK, PG. 23)

Cartografar os menires da experiência, tornar visíveis os afetos que marcaram o corpo nessa travessia, foi uma forma de compreender o que eu aprendi nesse percurso e de dar voz a esses aprendizados. O que não sabia que passei a saber. O que não carregava dentro de mim que passou a fazer parte da minha bagagem e que posso transformar em narrativa.

Se "a diferença entre o louco e o poeta é que o primeiro vai e não volta, enquanto o segundo vai e volta para dizer o que viu" - segundo as palavras de José Miguel Wisnik em uma palestra sobre o seu ensaio "Iluminações profanas", na antologia O Olhar (organizada por Adauto Novaes, Cia das letras) - os conceitos de

cartografia e **menir** foram os passaportes para a formulação do caminho de volta.



Anotações pessoais do caderno

TERCEIRA PARADA:

É NA EXPERIÊNCIA DO CAMINHO QUE O TRABALHO ACONTECE

Se o caminhante não caminhar, nada acontece.

Só é possível percorrer o caminho e construir conhecimento se o caminhante colocar o seu corpo em movimento. É necessário lançar-se no desconhecido e correr riscos para que isso aconteça. Sustentar o desconhecido e todos os afetos que nele moram. Disparar e iniciar esse processo exige força, movimento e coragem. Na caminhada o acontecimento se dá no deslocamento do corpo no espaço; é na experiência do caminho que o processo de criação se desenvolve, que o trabalho artístico acontece. É nesse movimento do corpo presente no acontecimento que a potência se transforma em ato. Momento em que a captura do mundo em gestação acontece.

Desde 2006 eu desenvolvo uma pesquisa com fotografia digital em que o deslocamento físico pelo espaço urbano está presente como uma estratégia importante para a captura das imagens. Estradas, linhas de metrô, cidades desconhecidas são motivos que me provocam e estimulam para a invenção de novas formas de significar o mundo através da linguagem fotográfica. Séries *Respiradores* e *Queens* (2008); *Parônimos* (2009) e *Obrigada, volte sempre* (2010) nasceram de viagens que fiz para fora do país e pelo interior do Estado de São Paulo. Não saber o caminho, estranhar a paisagem, ficar perdida são procedimentos que constituem o meu processo de criação.

A minha prática com a fotografia sempre esteve intimamente relacionada com o ato de caminhar. Geralmente, é em experiências de derivas pela cidade onde encontro novos sentidos para situações cotidianas ordinárias.

É na conexão do corpo-olho-câmera fotográfica com o mundo que são criadas novas formas de perceber aquilo que nos cerca. A partir dos enquadramentos e dos recortes feitos pela captura do instante com a câmera fotográfica é possível fazer os objetos mudarem de escala, de função, de importância, invertendo sua lógica no mundo. Um teto de viaduto pode virar deserto, um exaustor pode virar um monumento, uma sala de espera pode virar um portal para uma praia. É possível criar poesia a partir das imagens fotográficas.

A descoberta dessa potência transformadora do mundo se dá no momento em que o caminhante-fotógrafo está presente na paisagem e também quando se debruça sobre as imagens capturadas no seu ateliê.

Com o passar dos anos, o sedentarismo e a mudança no modo de vida oriundos da maternidade trouxeram ao meu trabalho um aspecto mais literário, onde o uso da palavra, a apropriação de imagens e o imaginário passaram a integrar de modo mais afetivo e contundente a minha produção.

Renato Contente, que escreveu sobre a minha pesquisa no catálogo ainda não publicado do Salão de Pernambuco, comenta da seguinte maneira as produções

que realizei nos últimos anos: "O ímpeto de deslocar-se foi atenuado nos trabalhos seguintes. Ao invés de produzir possíveis rotas de fuga, Mariana optou por explorar a potência da palavra a partir da imagem fotográfica em potencial, ou seja, da imagem ainda não materializada. Em Coleção de fotografias não tiradas (2011/2014), a artista reúne descrições de cenas que ela e outras pessoas presenciaram, mas que não foram registradas em imagens. Uma delas: 'Num posto de gasolina tem umas garças caídas feitas de cerâmica'. Para ela, essas imagens/descrições não são memórias ou lembranças, mas enquadramentos. Dessa maneira, tem a generosidade de nos mostrar que uma imagem em potencial pode ser justamente uma poesia, e que palavras podem muito bem constituir imagens potentes".

A utilização do vídeo como linguagem poética deu-se mais recentemente, em 2017. Em parceria com a poeta Ângela Castelo Branco, um conjunto de trabalhos foi realizado explorando o universo do feminino, da casa e da palavra como campo de experimentação. Entre esses trabalhos produzidos pode-se citar os vídeos intitulados: *Há que se aprender a falar a língua das casas; É na coragem do teto que moram os pensamentos; ...tal artista é capaz de perceber -Sim, é uma extensão aberta - partes extra partes- e que vibra-; O vermelho da casa ainda não tem nome; Para as coisas não se afastarem é preciso fazer força; Porque o meu maior movimento é parar; É preciso cuidar da solidão dos outros.*

Na busca de retomar esse processo de criação como artista e forçar situações de deambulações pela cidade e por lugares desconhecidos, mais próximas de um estado de nomadismo, o curso de Pós-graduação permitiu algumas experiências significativas que resultaram nas materialidades abaixo. Chamadas de "trabalhos-caminhos", essas produções são concebidas na vivência de uma caminhada e muitas vezes tratam do próprio caminho.

Registros de experiências de trabalhos-caminhos

Travessia, 2017 | fotografia

No dia 24 de setembro de 2017, foi realizada uma caminhada no Parque da Água Branca e o trabalho produzido consistiu numa sequência de imagens fotográficas referente ao percurso da câmera de vídeo do interior de um cano de água até o seu exterior. O dentro e o fora. O escuro e o claro.



Carta à Ângela, 2017 | vídeo-carta

No dia 21 de outubro de 2017, a partir de uma experiência de caminhada na Fazenda Serrinha, em Bragança, foi criado um trabalho vídeo-carta com o título *Carta à Ângela*, cujo conteúdo dizia respeito ao encontro com uma casa após a travessia de um abismo. Esse conceito de vídeo-carta foi introduzido no encontro com o convidado Rodrigo Gontijo, que nos apresentou uma série de referências de vídeos que foram pensados como cartas, endereçados a alguém, como um meio de comunicação, em que a palavra e o áudio são elementos fundamentais para expressar uma ideia ou impressões do remetente ao destinatário.

Texto narrado no vídeo *Carta à Ângela*

Serrinha, 21 de outubro de 2017.

Ângela, amiga querida,

Hoje encontrei uma casa depois de descer um abismo. Queria muito te contar sobre ela, que você pudesse vivê-la um pouco.

Não era uma casa debaixo do oceano, nem uma casa com os cômodos todos ocupados por pessoas, nem tinha uma linda parreira com uvas verdinhas, casas que já apareceram em sonhos. Não tinha tomates, fita métrica, amoras caídas, nem guarda-chuvas esquecidos.

Era uma casa vazia, resistente e bela. Bela nos detalhes do seu abandono. A pia do banheiro repleta de flores, mofos nos batentes das janelas, forro aparente pelas franjas da madeira do teto, um buraco profundo na parede. Era cheia de acontecimentos.

Desejei muito ter feito um dos nossos vídeos lá, para que a gente pudesse encontrar palavras suas para colar nas imagens e recriá-la, como fazemos na casa que habitamos.

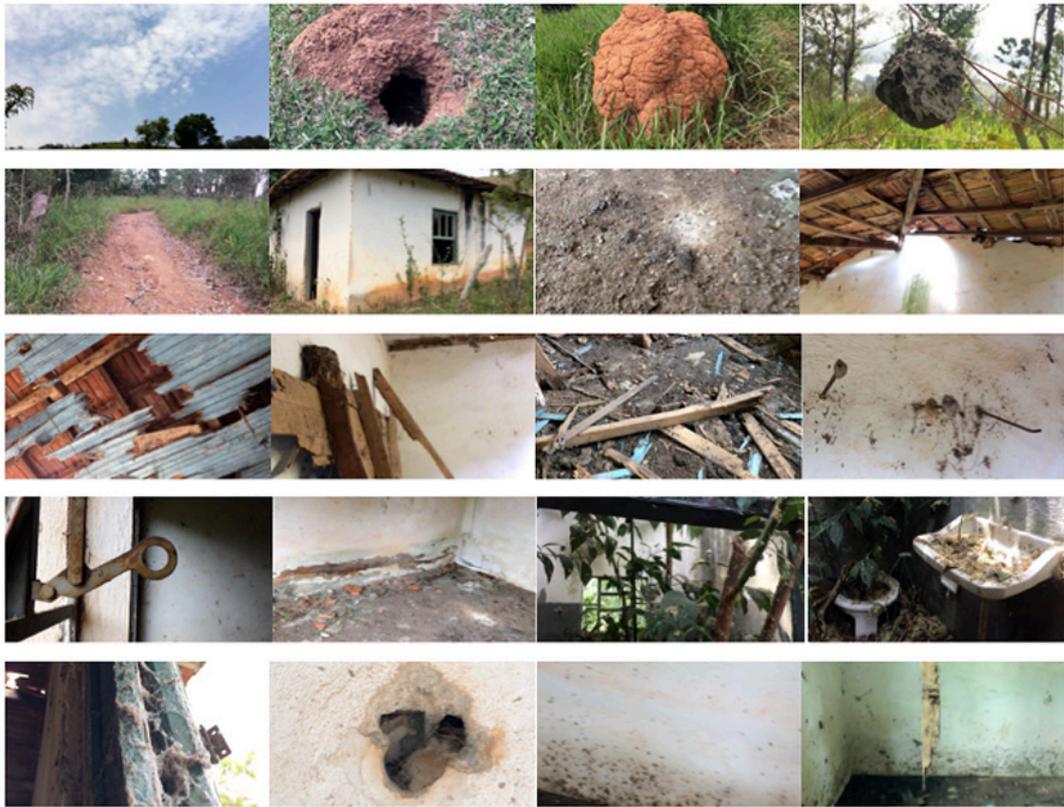
Meu celular estava sem memória, para variar, mas consegui fazer umas poucas imagens que vou te mostrar quando chegar em São Paulo.

Sei que o caminho não está fácil e os tempos são sombrios, mas seguimos na coragem da travessia.

Esperança no encontro e na poesia.

Sempre, com amor.

Mari



frames da vídeo-carta
Carta à Ângela, 2017

Fresta, 2017 | fotografia

Caminho na Barra Funda | objetos coletados

No dia 26 de novembro de 2017, a partir de uma proposição de caminhada no bairro da Barra Funda feita pelo convidado-palestrante Renato Hofer, foram produzidos dois trabalhos de materialidades distintas: *Fresta*, uma série de fotografias de destroços de um carro alegórico, e *Caminho na Barra Funda*, realizado a partir da justaposição de pequenas peças circulares de engrenagens soltas e obsoletas encontradas e coletadas na rua.



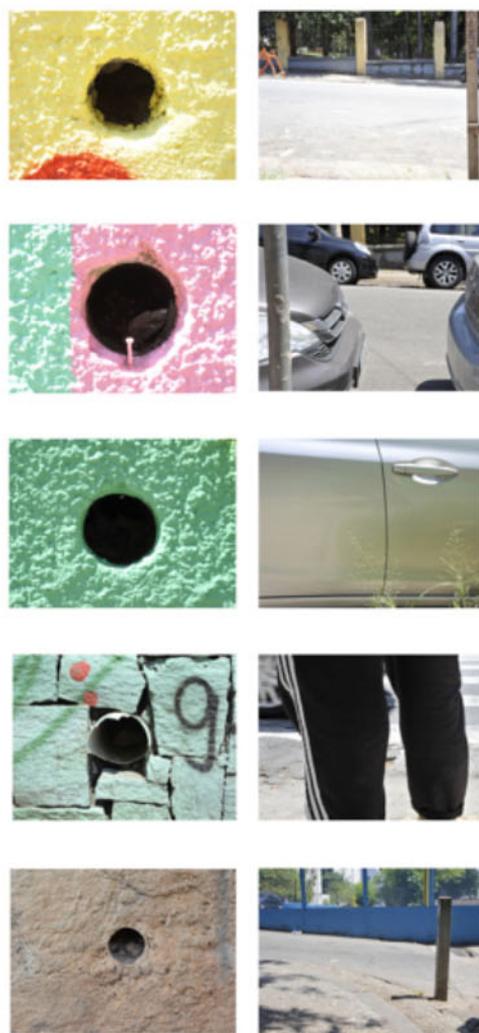
Fresta, 2017
Fotografia



Caminho na Barra Funda, 2017
Peças coletadas e fotografia do
mapa do percurso

180° | fotografia

No dia 23 de setembro de 2017, a partir de uma caminhada no entorno da Casa Tombada, em Perdizes, foi produzido o ensaio fotográfico intitulado *180°*. Imagens de buracos de canos presentes nas fachadas das casas e suas paisagens inversas foram capturadas ao longo de todo o trajeto, resultando em duplas de fotografias: o cano e a imagem 180 graus oposta.



detalhe



180°, 2017
Fotografia

A produção realizada nesses anos de curso foi importante para a minha trajetória como artista, pois me permitiu experimentar novas linguagens e procedimentos de invenção. Percebi que podia transitar entre distintas linguagens com mais liberdade e me servir das materialidades que se apresentavam no caminho. Coletei fragmentos que encontrei na rua, construí séries fotográficas a partir de frames de vídeos, criei um vídeo-carta juntando a narração de um texto escrito com imagens de uma casa abandonada, ações inéditas no meu processo de criação.

Quando a caminhada passou a ser o meio para a criação artística, foram muitas as questões inerentes ao ato de caminhar que se apresentaram no processo de criação. O caminho, o corpo e o movimento passaram a ser urgências, transformando-se no próprio assunto do trabalho.

QUARTA PARADA:

O TETO, O CHÃO E A TOPOGRAFIA DO LUGAR A PARTIR DA FOTOGRAFIA

Olhar para cima, fotografar. Olhar para baixo, fotografar. Dar mais um passo.

Olhar para cima, fotografar. Olhar para baixo, fotografar. Dar mais um passo.

Olhar para cima, fotografar. Olhar para baixo, fotografar. Dar mais um passo.

O trabalho com a fotografia e o vídeo nas derivas e caminhadas ressaltou a presença da topografia.

Segundo Maria Cecília Bonato Brandalize, da PUC/PR, a palavra "*Topografia*" deriva das palavras *topo* (*lugar*) e *graphen* (*descrever*), o que significa a descrição exata e minuciosa de um lugar.

Este conceito está relacionado com a determinação do contorno, dimensão e posição de uma porção limitada da superfície terrestre, e também, de certa forma, com a percepção e a orientação de um indivíduo ali, na medida em que conhece o lugar.

No livro *Linha do Horizonte: por uma poética do ato criador*, Edith Derdyk coloca que "as experiências topológicas de proximidade e distanciamento vivenciadas em nosso cotidiano propiciam percepções diversas nas maneiras de estarmos no mundo. Similar a um leque ativo, pulsante e respiratório, estas percepções se percebem em movimentos duplos, concomitantes, paradoxalmente distintos e contínuos: saltar e mergulhar, abrir e fechar, parar e continuar, pescar um detalhe abranger o todo, fotografando a dinâmica de um pensamento no ritmo de um corpo". (DERDYK, PG. 73)

Os trabalhos fotográficos apresentados neste relato de viajante são fruto de um estranhamento inicial diante da paisagem, de uma aproximação similar a da criança, que explora o mundo com curiosidade, como a novidade da primeira vez. Olha dentro, olha fora, repete o movimento, e assim vai conhecendo aquilo que a cerca. As fotografias descrevem o mundo, assim como descrevem o movimento do observador na sua exploração desse mundo.

A repetição e a seriação foram uma marca da exploração topográfica na produção dos trabalhos fotográficos aqui apresentados, pois não seria possível apreender o lugar por meio de um único fragmento. Foram necessários muitos fragmentos para recompor o caminho. As fotografias da paisagem, quando justapostas, trouxeram as texturas, as cores, os relevos e as insignificâncias significantes do trajeto.

A questão da topografia apresentou-se como um anúncio, um campo largo e vasto a ser explorado em produções futuras. A câmera fotográfica como extensão do corpo-caminhante em movimento, no reconhecimento do espaço e na invenção do próprio mundo.

QUINTA PARADA:

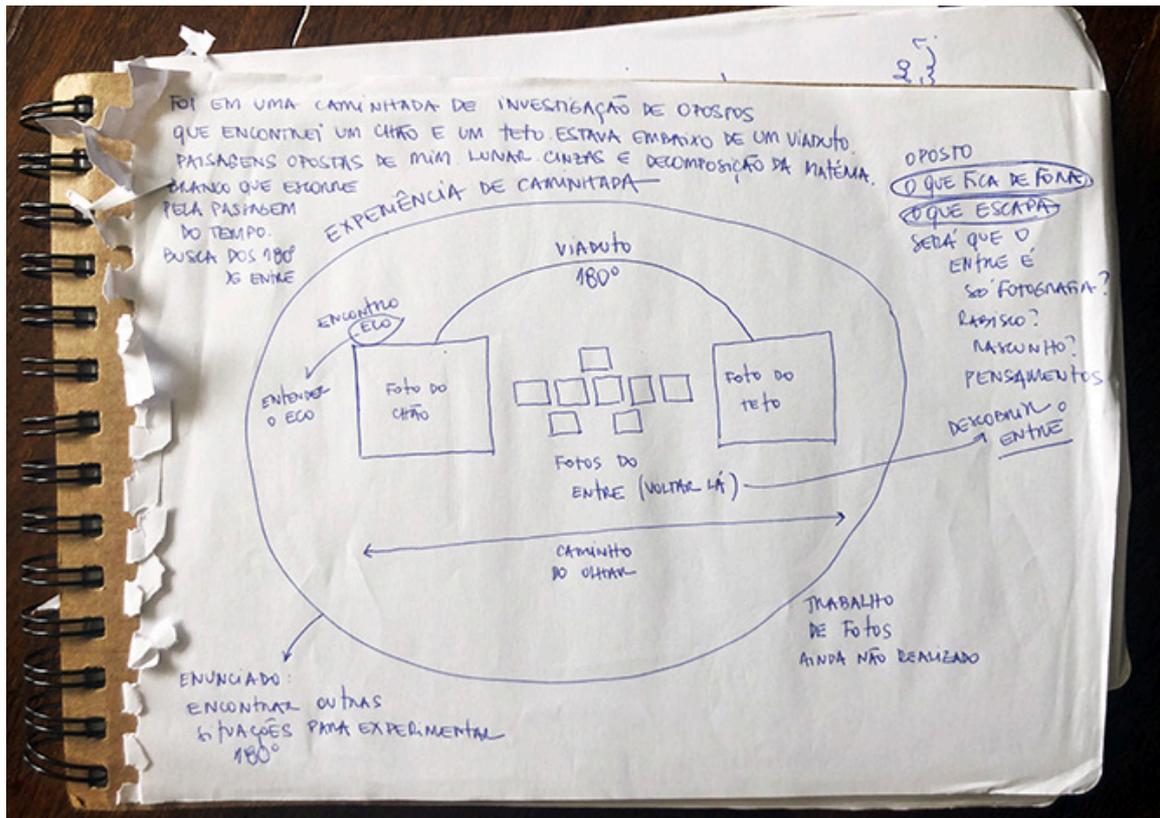
180° E O PROBLEMA DO ENTRE, O FRACASSO E A PERTINÊNCIA DO ESPAÇO

O trabalho 180° partiu da proposição de criar duplas de imagens em ângulo de 180 graus (o recorte fotográfico e o seu plano inverso), fortemente marcada pela descrição do percurso de um caminho na paisagem urbana.

Um dos questionamentos norteadores deste trabalho se refere a tudo aquilo que escapa do enquadramento produzido na fotografia. A fotografia é um enquadramento que torna visível aquilo que a câmera fotográfica consegue capturar. O resto do mundo fica de fora. Nesta investigação, ao criar duas imagens perfeitamente inversas, buscou-se problematizar o espaço entre. Como significar esse vazio entre as duas imagens? A montagem e o espaço se tornaram elementos fundamentais a serem considerados na execução dessa obra, que convoca o corpo do expectador a significar o espaço invisível daquilo que não virou imagem.

A primeira tentativa de resolver formalmente este estudo foi justapondo as imagens na parede, numa grande linha horizontal, sem intervalo entre elas. Fracassou. O "entre" desapareceu como assunto. O trabalho de arte revelou a sua própria traição. Querer resolver rápido e encontrar soluções fáceis para tirar o problema da frente, não aceitar o tempo de elaboração da obra, impossibilita que ela aconteça na sua potência. Para o "entre" ser uma questão era preciso encará-lo de fato como uma questão.

Mas o que é o entre? Como tornar visível esse invisível? O aprendizado aqui foi perceber que, conseguir dizer o que pedia para ser dito - para o entre se tornar visível e passar a ser assunto -, o espaço teria que ser pensado como elemento constitutivo, como matéria. E, para isso, tudo teria que acontecer num espaço em que as imagens ficassem frente a frente, como num corredor. O expectador teria que ocupar esse lugar corporalmente para, aí sim, ser realmente convidado a ver o invisível.



página de
caderno pessoal

SEXTA PARADA:

O QUE FICA DAQUILO QUE ESCAPA E O PASSO POSSÍVEL

O relato de uma experiência é sempre uma invenção. Assim como a arte. Não existe uma narrativa certa, total ou definitiva e definidora a ser contada. É sempre uma versão do caminho. Escolhas têm que ser feitas. Muitas questões ficam de fora, escapam, enquanto outras são iluminadas, ganhando peso e gravidade.

O **passo possível** é aquele que parte da intuição, das marcas significativas da própria experiência e da confiança no corpo. Confiança que o corpo consegue fazer o movimento necessário para dizer o que precisa ser dito. Para dizer tudo aquilo que é importante de ser compartilhado. O **passo possível** é o movimento criador que anuncia e presentifica o mundo que foi gestado no decorrer da

caminhada. Um movimento que tem a sua extensão, tem o seu limite e a sua medida, dados pelo próprio corpo do caminhante - por isso ele é o que é possível.

Diante da imensidão de tudo que pode ser dito, das expectativas de querer dizer tudo e de dizer bem, o passo possível é dizer o que é possível dizer. Não é o passo largo que o corpo não consegue dar. Nem o passo curto que não traz em si a potência do caminho percorrido. É o passo que tem que ser dado. Conseguir avaliar qual é o passo possível é uma das grandes aprendizagens do ser caminhante. Habilidade esta que só se aprende ao se caminhar.

Em uma das saídas para uma caminhada, escrevi na minha mão a palavra confiança. Aprendi, por fim, que para dar o passo possível é preciso confiar no próprio corpo ao realizar a travessia.

Agora, nossa.

FIM DE UM CAMINHO

Sei dos caminhos que chegam, sei dos que se afastam

Conheço como começa, como termina o que faço

Só não cheguei como chegar

Ao nosso próximo passo

Canção *Sei dos Caminhos*, de Alzira E + Alice Ruiz

E qual seria o próximo passo?

A partir dessa experiência no curso de Pós-graduação *A caminhada como método para Arte e Educação*, com tantas aprendizagens e descobertas, sei que se faz urgente a busca por tempos/espços que permitam ao meu corpo permanecer em movimento para o aprofundamento das perguntas que emergiram nesse caminho. Penso que ainda é necessário me debruçar nas materialidades produzidas - fotografias, vídeos, trabalhos a partir de coletas - para decantar e

amadurecer o projeto de exposição que nelas mora. Investigar ainda mais esse campo semântico em que pisa o artista-caminhante.

Novos trajetos em busca do "entre". Novos trajetos e derivas na exploração da máquina fotográfica como extensão do corpo, na exploração da topografia da cidade. Relacionar os trabalhos entre si, pensar nas suas escalas, nos acabamentos, nos suportes. Talvez com tempo e distanciamento eu possa ter um pouco mais de clareza do quanto a minha linguagem poética foi influenciada e transformada por essas aprendizagens da caminhada.

Em interlocução com a arquiteta Fany Galender sobre a produção desse texto, ela me escreveu: "Vejo a caminhada como um fenômeno temporal, espacial, onde simultaneamente ocorrem situações de interiorização e exteriorização, de individuação e comunhão, de reconhecimento e descoberta. Parece que o seu trabalho expressa estes aspectos de maneira muito efetiva". Penso que seria importante me demorar mais na investigação desse movimento pendular do dentro e do fora, do mundo interno com o mundo exterior, para conseguir traduzir com mais profundidade o campo poético no qual eu me encontro.

Além das dimensões prática e reflexiva sobre a minha produção artística, fiquei interessada em analisar as produções de artistas-caminhantes como Francis Alys e Richard Long, assim como a obra do cineasta Win Wenders, que me afetam profundamente e que, por seus processos e métodos de criação, podem colaborar para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Quando o caminho passa a ser uma questão cara ao trabalho de arte, é preciso caminhar e caminhar e caminhar e caminhar... O que me faz entender que o **passo possível** deste texto, que se encerra aqui, localiza-se no percurso de um caminho mais amplo, que guarda esse dentro e um fim que a vista não abarca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

BRANDALIZE, Maria Cecília. *Topografia - apostila para Engenharia Civil e Arquitetura*. PUC/PR. Em: <https://www.scribd.com/doc/54292531/Apostila-1-topografia>.

CONTENTE, Renato. *Catálogo Salão de Pernambuco, 2019* (no prelo).

DERDYK, Edith. *Linha do Horizonte: por uma poética do ato criador*. São Paulo: Intermeios, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LAROSSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre a experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina, 2007.